

## Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

### Resumo

O presente artigo reflete sobre como a pandemia de COVID-19 atualizou estereótipos da velhice e do processo de envelhecimento populacional no mundo. Investigamos diferentes momentos de construção de visões da velhice em documentos produzidos por organismos internacionais responsáveis por debater e propor ações para que o envelhecimento mundial colabore com o desenvolvimento das sociedades e dos estados. Mostramos como, recentemente, há uma atualização da imagem do idoso como um ser frágil, inativo e custoso ao Estado e como tal percepção não combina com os esforços anteriores à pandemia, que celebravam o envelhecimento como uma vitória e o apresentavam como um desafio até chegarmos no contexto em que se tornou possível discutir a classificação da velhice como doença. A metodologia utilizada inclui a análise de documentos oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) e a interpretação dos discursos de representantes da Organização Mundial da Saúde (OMS) entre os meses de dezembro de 2019 e março de 2020. As principais conclusões deste artigo foram a de verificar as disputas existentes nas sociedades ocidentais sobre o debate acerca da velhice e do envelhecimento, a presença de uma narrativa preconceituosa (idadismo) e a associação da velhice à ideia unilateral de vulnerabilidade à Covid-19.

**Palavras-chave:** envelhecimento; políticas públicas; pandemia.

### Simone Pereira da Costa Dourado

Doutora em Ciências Sociais pela  
Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro – UERJ.

Professora da Universidade  
Estadual de Maringá -UEM.  
Brasil

simone.dourado890@gmail.com  
[lattes.cnpq.br/1995978265681165](https://lattes.cnpq.br/1995978265681165)  
[orcid.org/0000-0001-5140-5866](https://orcid.org/0000-0001-5140-5866)

### Rodrigo Pedro Casteleira

Doutor em Educação pela  
Universidade Estadual de  
Maringá – UEM. Professor  
Universidade Federal de  
Rondônia - UNIR.

Brasil

rodrigo.casteleira@unir.br  
[lattes.cnpq.br/2234110887343110](https://lattes.cnpq.br/2234110887343110)  
[orcid.org/0000-0003-4992-9593](https://orcid.org/0000-0003-4992-9593)

### Para citar este artigo:

DOURADO, Simone Pereira da Costa; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0101, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0101>

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

## Changes in the perception of old age during a crisis health: from the celebration of longevity until the idea of diseases

### **Abstract**

This article reflects how the COVID-19 pandemic updated stereotypes of old age and the aging process population in the world. We investigate different moments of visions construction of old age in documents produced by international bodies responsible for debating and proposing actions for the world aging collaborates with the development of societies and states. We show how, recently, there an update of the image of the elderly as a fragile, inactive and costly to the states and as such a perception does not match with the pre-pandemic efforts that celebrated aging as a victory and presented it as a challenge until we reached in the context in which it became possible to discuss the classification of old age as a disease. The methodology used includes the analysis of official documents of the United Nations (UN) and the interpretation of speeches by representatives of the Organization World Health Organization (WHO) between the months of December 2019 to March 2020. The main conclusions of this article were that verify the existing disputes in western societies about the debate about old age and aging, the presence of a prejudiced narrative (ageism) and the association of old age with the unilateral idea of vulnerability to Covid-19.

**Keywords:** aging; public policy; pandemic.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

## 1 Introdução

A presente proposta trata-se de uma problematização, sob o método da antropologia do corpo e do envelhecimento (DEBERT, 1998; MINAYO, 2002; MOTTA, 2002), do conceito de velhice categorizada como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e que seria inserida, em janeiro de 2022, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), mantida pela OMS desde 1900. É no CID 11 que entraria o código MG2A, substituindo o termo ‘senilidade’ por ‘velhice’, o que traria uma mudança não apenas de verbete, mas de conceito no que tange pensar e compreender a velhice. Desse modo, observando os movimentos internacionais de celebração da longevidade humana pontuados por organismos internacionais, governos e sociedades, ao menos desde o final dos anos de 1970 do século passado, é possível afirmar que estaríamos diante de um retrocesso?

Partimos de uma resposta triste e contraditoriamente positiva a essa questão. Em um momento de tantos avanços nos campos da ciência, do conhecimento e da produção de novas tecnologias, retrocedemos na percepção social, política e cultural que criamos, ao menos desde meados do século XX, de que a chegada à velhice é sinal de vitória individual e coletiva, ao mesmo tempo em que estar nessa fase da vida representa o cumprimento de mais uma etapa de nossas existências. O ciclo biológico do ser humano, conforme Minayo e Coimbra Jr. (2002) e o Relatório Mundial Sobre o Idadismo (2022), embora se aproxime ao de outros seres vivos, não coincide necessariamente com as construções sociais e culturais do processo de envelhecimento, uma vez que a apropriação simbólica de sua percepção é demarcada politicamente conforme a sociedade em que se encontra.

Como forma de delinear esse retrocesso dentro de um possível recorte ocidental, elaboramos um roteiro-provocação na tentativa de guiar nossas reflexões:

- 1) As sociedades ocidentais e modernas, aceleradas pela organização do mundo do trabalho e das relações capitalistas de produção, criaram para as pessoas que saem do mundo do trabalho o lugar da inatividade, da suspensão e da improdutividade, o que gerou a percepção de que se os velhos não participam mais da geração de riquezas,

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

passando a depender da riqueza produzida por outros, como apontam Bosi (2010), o Relatório Mundial Sobre o Idadismo (2022) e Sontag (2007);

2) Sociedades opulentas e produtoras de riquezas criaram uma forma de tratar os mais velhos como um custo. Então, estar velho é pertencer a um grupo que é um peso para a previdência e para os sistemas de saúde (BOSI, 2010);

3) Em termos simbólicos e culturais, segundo Debert (1997; 1998), Goldenberg (2005) e Motta (2002), nessas mesmas sociedades que são regidas pelo culto da juventude eterna, a velhice se torna algo distante e pertencente ao outro. Quem passa a ter e viver os traços físicos, as inscrições corpóreas e sociais da chegada ao envelhecimento, se torna invisível nessas sociedades, pois uma das bases do idadismo/etarismo, dos preconceitos e reproduções de estereótipos em relação aos mais velhos, é a repulsa à velhice, ao corpo da pessoa idosa e a sua condição social. Há uma relação automática entre velhice e retirada da vida pública, participativa, ativa e saudável;

4) A rejeição ao corpo envelhecido, aos limites da idade, o desejo da eterna juventude acompanhado dos avanços científicos e tecnológicos das últimas décadas produziu um duplo movimento: a busca pela velhice saudável e ativa como uma responsabilidade do indivíduo e a exclusão de quem chega nessa fase da vida com limitações físicas, psíquicas e econômicas (GOLDENBERG, 2005);

5) A situação da COVID-19: 1) **reforçou** posturas preconceituosas e estigmatizantes em relação aos mais velhos, 2) **avivou** a ideia de que podem adoecer e morrer mais do que qualquer outro grupo apenas pelo fato de serem idosos, e 3) **confirmou** a perspectiva dos cuidados, do controle e da tutela dessa parte da população, independente da sua condição de saúde, posição no mercado de trabalho e localização física e geográfica – mesmo países que tinham alterado o corte da velhice para a faixa etária de 70 e mais anos, retomaram a noção de que o risco é eminente a partir dos 60 anos. Tais processos, reforçados pelo contexto da crise sanitária, certamente contribuíram para o movimento, felizmente derrotado, de inclusão da velhice no grupo das CIDs (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022);

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

6) A COVID-19, em razão da sua maior letalidade, antes da descoberta das vacinas, entre a população idosa, reforçou percepções do senso comum que foram reproduzidas pelo campo científico, particularmente o das políticas públicas de saúde. Uma dessas percepções é que chegar aos 60 anos é entrar em um compasso de espera para a morte e ganhar um pacote de vulnerabilidades que indicam o nosso adoecimento, mesmo quando nos tornamos portadores de doenças que têm remédio e controle. Doenças essas possíveis de atingirem toda população, mas que acometem com maior frequência indivíduos idosos, apesar de eles conviverem com elas por muitas décadas de suas vidas, podendo ou não morrer em razão dessas doenças (DOURADO, 2020);

7) O debate sobre envelhecimento saudável e o retardo da chegada à velhice envolve interesses de poderosos setores da indústria de produtos para essas finalidades que movimentam cifras astronômicas, que vão desde os tradicionais tratamentos de beleza até os suplementos, vitaminas etc., conforme apontamentos do próprio Relatório Mundial Sobre o Idadismo (2022), mas também discutidas por Debert (1997; 1998) e Goldenberg (2005).

Partimos dessas premissas e autorias para discutir o envelhecimento, a percepção de órgãos internacionais referentes a ele e a pandemia de COVID-19 a fim de problematizarmos o desejo patologizante de demarcar a velhice como uma doença.

## 2 Dispositivos legais e suas (de)marcações sobre envelhecimento

Ainda que o envelhecimento seja uma parte intrínseca à constituição humana, a preocupação com ele em termos tanto de categoria como de urgência para pensar, organizar políticas públicas e recomendações internacionais é recente. De modo a desenharmos um pouco os movimentos internacionais voltados à discussão sobre envelhecimento/velhice, separamos três eventos organizados pela ONU em parceria com a OMS: a I Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, ocorrida em Viena em 1982; a II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, em Madri, no ano de 2002; e o evento ONU 2012: Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio, este último como desdobramento das assembleias anteriores.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

Os apontamentos sobre esses momentos servem de subsídios para questionarmos esse pretense desejo de inserir a velhice no rol de doença, sobretudo durante o processo pandêmico em que os países ainda vivenciam. Ao assumir as diretrizes de protagonista durante a pandemia, a OMS passou a veicular orientações sanitárias e demais informes em relação ao vírus (CORONAVÍRUS..., 2020), inclusive estimulando um movimento solidário na população mundial para com as pessoas classificadas como mais vulneráveis, mesmo que não tenham comorbidade, como no caso das pessoas com 60 anos ou mais. Como desdobramento posterior à fase mais aguda da pandemia, percebemos uma reflexão crítica sobre o avivamento do idadismo em relatório publicado pela organização no fim do ano de 2022, já em um momento de maior controle da doença em razão da vacinação contra a COVID-19.

### Viena 1982: I Assembleia Mundial sobre Envelhecimento

Em 1978, a ONU estabeleceu em sua Resolução 33/52 que seria realizada em 1982 uma Assembleia Mundial sobre Envelhecimento. Naquele momento, as discussões giravam em torno do reconhecimento de que o mundo teria uma ampliação considerável da população acima dos 60 anos e de que era preciso pensar estratégias, planos e programas que garantissem sua seguridade econômica e social e que previssem a integração desse grupo nos processos de desenvolvimento dos países. O Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento é um texto amplo com 62 orientações que vão desde estratégias para garantir a segurança nutricional e de saúde até a geração de dados para pesquisas sobre envelhecimento no mundo. O fato relevante a ser destacado é que com a Assembleia de Viena a questão do envelhecimento populacional entrou efetivamente na pauta de debates da ONU e dos Estados a ela conveniados (ONU, 1982). Registrou-se a necessidade de pensar estratégia de planejamento e organização para que o envelhecimento mundial colaborasse com o desenvolvimento das sociedades e não fosse um custo adicional. Posteriormente, o ano de 1999 foi declarado como o ano do idoso.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira

## Madri 2002: II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento

Dando prosseguimento às ações em defesa da população idosa sistematizadas desde a preparação da primeira assembleia de Viena, em 1982, o encontro de Madri produziu uma declaração política com 19 artigos e um plano de ação para o envelhecimento norteado pela ideia de que era preciso construir sociedades para todas as idades. O artigo número dois da Declaração Política da Assembleia traz a ideia que orienta a compreensão da ONU sobre como o envelhecimento mundial deve ser pensado: *“We celebrate rising life expectancy in many regions of the world as one of humanity’s major achievements”* (ONU, 2002). Ou seja, o aumento da longevidade humana é motivo de celebração e deve ser registrado como uma das mais importantes realizações da humanidade.

É preciso frisar a importância desse artigo que dá ao envelhecimento um lugar importante no processo de evolução das sociedades. Juntamente com o artigo 10, que diz que o potencial dos idosos é base para o desenvolvimento, está assegurada a ideia de que esse grupo seria o símbolo mais evidente de que a humanidade venceu muitas adversidades e conseguiu se firmar. Há no artigo 10, ainda, o reconhecimento de uma “sabedoria” no envelhecimento que precisaria ser canalizada pelas sociedades. Em outro artigo, o quinto, outro importante reconhecimento: a necessidade de trabalhar para eliminar todas as formas de negligência, abuso e violência contra a população idosa.

No artigo sexto é trabalhada a ideia de que o envelhecimento é um “ativo” para as sociedades. Outro reconhecimento importante no artigo seguinte aponta a necessidade de incluir a “perspectiva de gênero” em todas as políticas e programas voltados para a pessoa idosa. Além da Declaração Política, que acabamos de comentar, o Plano de Ação de Madri possui três eixos de ação prioritária que relacionam o envelhecimento ao desenvolvimento, a promoção da saúde e do bem-estar e a garantia de ambientes que possibilitem e deem suporte às atividades dos mais velhos, todos acompanhados por uma série de ações e recomendações.

Destacamos que ao pensar o envelhecimento populacional, o recorte de gênero apresenta uma instigante questão: o que as mulheres têm para ensinar? O que faz com

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

que cheguem cada vez em maior número aos 60 e mais anos se tornando, portanto, o grupo populacional que vive mais? Essas parecem ser questões relevantes a serem respondidas, e talvez nos limites deste artigo não seja possível explorá-las com profundidade, mas é importante observar que, em sociedades marcadas pela busca da juventude eterna (DEBERT, 1997; 1998) e pelo culto ao corpo (GOLDENBERG, 2005), discutir o envelhecimento feminino pode trazer alguns ensinamentos.

Ao olhar, por exemplo, para os diferentes processos de envelhecimento feminino, é possível perceber os ganhos trazidos pelo desenvolvimento de novas tecnologias e novas formas de cuidado com o corpo na área de saúde, as mudanças colocadas pelos movimentos feministas e a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Esses processos confirmam uma hipótese de Beauvoir (1990), seguindo as orientações de Sartre, sobre a velhice: ela é irrealizável, pois há um lapso entre a experiência subjetiva da velhice e a realidade objetiva que provoca nos idosos aquele efeito do espelho: você olha e vê o que todos constata, um ser envelhecido. Mas a pessoa idosa geralmente se sente de outra forma: ativa, viva, participante, integrada. A consequência disso é a produção de um forte mecanismo de opressão e de exclusão desse grupo que com o passar das décadas fica, paradoxalmente, cada vez maior, em termos quantitativos, mas socialmente invisível. Em seu clássico estudo sobre memória e envelhecimento, BOSI (2010) pontua que a sociedade produz em relação aos velhos um mecanismo de exclusão e de invisibilidade semelhante ao que criou para os negros: ela toma um fator natural, como a velhice ou a cor da pele, de forma preconceituosa. Note-se o que diz a autora:

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para velhice [...] a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. (BOSI, 2010, p. 77)

A sobrevivência expressiva dos idosos, de uma maneira geral, e das mulheres, em particular, é exemplo de como se luta para continuar existindo como ser humano, como

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira

um ser social, em uma sociedade que valoriza a lógica da produção e a construção do presente eterno personificado na juventude.

### ONU 2012: Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio

Em 2012, importante documento orientador do que é o envelhecimento populacional e de como devemos lidar com ele foi publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Nova York, e pela HelpAge International, Londres, com a colaboração de diferentes organismos e entidades. O relatório Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio (Fundo de População das Nações Unidas e HelpAge International, 2012), que ganhou um sumário executivo em língua portuguesa, responde as questões colocadas no Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, aprovado na II Assembleia Mundial do Envelhecimento realizada em Madri, no ano de 2002 – vinte anos depois da primeira Assembleia feita em Viena, em 1982. É importante considerar que todos esses encontros foram promovidos sob a coordenação da ONU e de seu organismo associado, a OMS.

O subtítulo desse sumário executivo, *Celebração e Desafio*, traduz o enfoque conferido ao envelhecimento mundial na contemporaneidade: a ampliação do número de pessoas que chegam aos 60 e mais anos é motivo de comemoração para as diferentes sociedades e também um desafio em razão da necessidade de permitir aos grupos dos mais velhos contribuir para o desenvolvimento social e compartilhar, juntamente como os mais jovens, de seus benefícios.

Nesse documento, encontramos duas emblemáticas frases: “O envelhecimento é um triunfo do desenvolvimento” e “O aumento da longevidade é uma das maiores conquistas da humanidade” (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, p. 3). Há uma positividade no envelhecer que traduz e sintetiza uma vitória da humanidade e, portanto, define um olhar positivado para o envelhecimento e para os idosos. Eles são o símbolo de um mundo que deu certo, ao se desenvolver, triunfou e venceu diferentes adversidades: alimentares, sanitárias, medicinais, educacionais e econômicas. Cabe destacar que a primeira das “10 ações prioritárias para maximizar as oportunidades de populações em envelhecimento” é o “reconhecimento da inevitabilidade do

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

envelhecimento populacional e a necessidade do preparo adequado de todas as partes interessadas (governos, sociedade civil, setor privado, comunidades e famílias) para o crescente número de pessoas idosas” (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, p. 6).

Soa como um alerta para humanidade o conhecimento demográfico que nos confirma: vamos envelhecer, cada vez teremos mais pessoas idosas em todos os lugares do mundo e é preciso uma preparação para esse fato. Os estudos de projeção demográfica, apontados pelo mesmo documento, são categóricos: em 2012, o número de idosos chegou a 810 milhões, a projeção para 2050 é de 2 bilhões. A maior concentração da população idosa em 2012 estava na Europa, 22%, e a expectativa é de que, em 2050, o continente europeu tenha 34% de sua população envelhecida. Em 2012, a América Latina tinha menos da metade de idosos do que a Europa, 10%. Em 2050, os países latino-americanos devem ter 25% de sua população idosa.

Essas informações são importantes para pensar as “janelas de oportunidades demográficas” que as diferentes regiões do mundo possuem. Os caminhos e escolhas que forem feitos pelos países e sociedades nas próximas décadas vão definir a condição do envelhecimento no futuro. Em 2050, jovens na faixa etária dos 30 anos chegarão aos 60 e se tornarão idosos. O grupo dos que entram na velhice hoje, os que possuem 50 e 60 anos, serão nonagenários e octogenários e essas informações exigem posicionamento das sociedades e dos governos, como deixou evidente a situação dessa população com a pandemia do Covid-19, iniciada em 2020.

O texto completo desse relatório traz um importante capítulo com a fala das pessoas idosas sobre o plano de Madri. Foram entrevistados 1.330 idosos de 36 países, entre 2011 e 2012, e 1.150 responderam a todas as questões. A maior parte dos entrevistados estava na faixa etária dos 65 a 74 anos de idade e 60% das entrevistas foram feitas com mulheres.

Um dado da pesquisa é muito relevante: 67% dos participantes dizem que reconhecem viver cotidianamente discriminação por conta de sua idade e 37% afirmam ter experienciado discriminação por idade no ano anterior à realização da pesquisa. Ou seja,

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

o peso do idadismo é forte. O reconhecimento cotidiano da discriminação por idade é maior do que o medo da violência, que recai sobre 43% dos idosos participantes do inventário.

Há um bloco de discussões que busca relacionar a forma como os idosos percebem o tratamento que a eles é dado pelos mais jovens e há um conjunto de falas que indicam a falta de reconhecimento, por parte dos mais jovens, do saber e do valor do trabalho e das ações desempenhadas pelos mais velhos. Ao narrar as experiências de exclusão e discriminação, são emblemáticas algumas falas; destacamos duas delas interpostas por idosas residentes em áreas rurais de países do continente africano. A primeira vem de Moçambique: “Como podemos dizer que somos respeitadas quando somos chamadas de bruxas?” e a segunda da Nigéria: “À medida que envelhece, você precisa aceitar a sua condição de cidadão menor que pode ser visto, mas não ouvido” (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, p. 152).

#### OMS: Notícias e orientações desde o início da pandemia até o relatório sobre o idadismo

Desde o início da pandemia, ao longo de 2020, em entrevistas quase diárias, a Organização Mundial da Saúde emitiu pareceres, orientações e avaliações públicas, transmitidas pela imprensa global, sobre a evolução da pandemia de COVID-19. Desses eventos participavam os Doutores Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor geral da OMS, Michael Ryan, diretor executivo do Programa de Emergências em Saúde e a Dra. Maria Van Kerkhove, líder técnica do Programa de Emergências em Saúde, além de representantes de todo o globo, responsáveis por fazer questionamentos sobre a Covid-19.

Ao atentar para algumas falas proferidas nos primeiros meses de 2020, pelos representantes da Organização Mundial da Saúde, é possível encontrar uma preocupação com a necessidade de construir ações solidárias em relação aos mais vulneráveis; a perspectiva era de que todas as vidas são importantes. Em entrevistas coletivas dadas pelo grupo de especialistas da OMS se faziam alertas sobre o perigo do vírus atingir asilos, indicando-se a necessidade de manter esses ambientes seguros. Em outros momentos, em que a longevidade é assunto, o foco volta-se para o chamado “grupo de

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

risco”, no qual os idosos foram inseridos, iniciando uma ideia, fortalecida ao longo do percurso da crise sanitária, de que há uma vinculação entre velhice e risco, que reforçou os estigmas contra as pessoas que ocupam esse grupo etário (DOURADO, 2020).

Muitas referências foram feitas ao grande número de mortos na Itália, com ênfase para ser esse um dos países com uma das maiores taxas de população idosa da Europa, ou seja, possui grande número de pessoas que se encaixam no “grupo de risco”. Obviamente, a intenção da OMS e seus diretores nesses eventos, ao citarem o “grupo de risco”, não era trazer à tona o estigma que envolve os mais velhos, mas infelizmente, independente do intuito, isso ocorreu, como a própria OMS observou em seu relatório de 2022 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022).

As falas dos representantes da organização nesse primeiro ano de pandemia colaboraram para difusão da ideia de que as pessoas perderam suas vidas pela idade e não pela doença em si. Faleciam por serem idosos e não por causa da Covid-19. Uma outra emblemática fala foi proferida pelo Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus e remetia à posição da juventude no contexto da crise sanitária, quando ele cobra a juventude da necessidade de ela também cumprir as orientações de isolamento e distanciamento social e observa: “Tenho uma mensagem para as pessoas mais novas: vocês não são invencíveis. Esse vírus pode fazer vocês ficarem em um hospital por várias semanas ou até matá-los [...] e mesmo se você não ficar doente, as escolhas que você faz sobre onde ir podem significar viver ou morrer para outra pessoa” (OMS..., 2020).

A linguagem usada ao tratar de uma pandemia mundial influencia como a sociedade irá reagir a essa adversidade. Afirmar com muito afinco a presença de um “grupo de risco” pode gerar a falsa ideia de imunidade para as pessoas que não fazem parte dele, como ocorreu com a juventude. Talvez por isso tenha sido necessário o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus ser tão enfático com os jovens ao explicar que eles não são “invencíveis”. Certamente, há pessoas que podem ser mais vulneráveis à doença devido a fatores médicos, mas há também fatores construídos socialmente que podem tornar uma pessoa mais suscetível ao vírus, para além dos fatores biológicos da enfermidade. Aqueles sem acesso ao sistema de saúde, sem segurança alimentar, os estigmatizados socialmente (como os idosos) podem ter a vida interrompida por fatores

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira

além dos tratados pela medicina. Em outras emergências humanitárias, conforme a OMS (2020), os idosos também foram a maioria das mortes, mesmo que nenhuma doença estivesse presente para que biologicamente seus corpos fossem mais suscetíveis a tal.

Quando o furacão Katrina atingiu os Estados Unidos, em 2005, por exemplo, 75% das pessoas que morreram tinham mais de 60 anos, além disso, 56% das pessoas que morreram no terremoto no Japão em 2011 tinham mais de 65 anos. Nenhuma dessas situações foi causada por uma doença que atinge com mais força a população idosa; quando ocorre um terremoto ou um furacão, toda a sociedade está exposta ao risco iminente de morte. O que pode explicar o que causou estatísticas tão tristes para determinado grupo é justamente a construção social que faz dos mais velhos os “menos úteis”, uma vulnerabilidade construída ao longo de muitos anos, que precede as tragédias. As visões construídas sobre a pessoa idosa, naturalizadas socialmente, são determinantes em situações de risco.

A autora Susan Sontag (2007), em seu trabalho *Doença como metáfora: Aids e suas metáforas*, tratou dos estigmas que envolvem certas doenças. Uma doença sem tratamento, sem total entendimento pela classe médica gera muitos sentimentos na população como um todo. Algumas são relacionadas a sentimentos retraídos, como câncer, por exemplo. A ideia de que manter muito ódio “dentro de si” por muitos anos pode gerar um câncer é presente no imaginário social. Já outras doenças, como a tuberculose, no século XIX, foram romantizadas.

As metáforas no geral estão presentes quando o assunto são doenças, sendo a mais utilizada a de guerra. Quando uma doença se espalha, é preciso lutar contra ela, essa batalha é não somente da classe médica, mas também, da população como um todo, é preciso derrotar um “inimigo”. A guerra é uma das poucas situações que permite um descontrole no orçamento, representando uma possibilidade de gastar muito devido às emergências. Nas doenças, porém, a metáfora da guerra não está relacionada somente ao orçamento, mas também dá forma a um fenômeno invisível exterior aos indivíduos, um “outro”. Do mesmo modo que nas guerras há um inimigo causador dos males, tornar a doença uma guerra com um inimigo pode levar, mesmo que em proporções muito menores, à culpabilização do doente, mesmo que ele continue sendo visto como vítima.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

Quando uma doença não escolhe seus pacientes aleatoriamente há o chamado “grupo de risco”. Sontag se refere à Aids, uma enfermidade estigmatizada, bem como o grupo supostamente mais atingido por ela. Ter a doença revelaria para a sociedade uma identidade que seria melhor ter ficado oculta, nesse caso, a homossexualidade ou hábitos pouco saudáveis. Mesmo atingindo os mais diversos grupos, por muito tempo, a doença foi chamada de “câncer gay”. Ainda que de forma mais branda, a visão da Covid-19 também volta-se para um “grupo de risco”; o novo coronavírus é uma “doença que mata velho”.

Do mesmo modo, as analogias em relação à guerra também estão presentes no contexto atual. Na parte opinativa do “The New York Times” essa analogia se fez presente:

Rotineiramente diferenciamos entre dois tipos de ação militar: o inevitável massacre e danos colaterais das hostilidades difusas e a precisão de um "ataque cirúrgico", metodicamente direcionado às fontes de nosso perigo particular. Este último, quando bem executado, minimiza recursos e conseqüências não intencionais. Enquanto combatemos a pandemia de coronavírus, e os chefes de estado declaram que estamos "em guerra" com esse contágio, a mesma dicotomia se aplica. Pode ser uma guerra aberta, com todas as conseqüências que anunciam, ou pode ser algo mais cirúrgico. (IS OUR..., 2020)

O “ataque cirúrgico” nessa analogia está relacionado ao “grupo de risco”, idosos e pessoas com doenças preexistentes. A construção de um “grupo de risco” pode direcionar os esforços para mudar a vida de um grupo específico enquanto o outro segue suas atividades normalmente. Além da problemática de tratar a população fora desse “grupo de risco” como imune (o que tem se mostrado incerto), essa construção pode ser danosa à imagem que há sobre os idosos, visto que, desde o início da pandemia há vários vídeos de circulação massiva retratando-os como teimosos, hostis, fazendo do idoso um ser caricato. Mesmo na década voltada para eles há o reforço de estereótipos, agora impulsionados pela doença e seu “grupo de risco”.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

A situação emergencial de 2020 deixou ainda mais evidente as problemáticas da situação da população idosa mundial. Uma sociedade voltada para o consumo e lucro vê os mais velhos como menos produtivos, logo, como “descartáveis”. Certamente, essa ideia não é impulsionada explicitamente, mas pode aparecer nas entrelinhas de estatísticas alarmantes, não somente as da pandemia desde 2020, mas também de outras situações emergenciais já citadas anteriormente, como o furacão Katrina, em 2005, e o terremoto no Japão em 2011. A situação emergencial para os idosos talvez tenha começado bem antes da pandemia, com a discriminação pela idade.

Voltando à pandemia, no final de 2022, o Relatório Mundial Sobre o Idadismo é publicado a fim de discutir os preconceitos etários reverberados pelas sociedades ocidentais. Além de posicionar o conceito de idadismo, que “se refere aos estereótipos, aos preconceitos e à discriminação com base na idade dirigidos a outros ou a si mesmo” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022, p. 26), discute também as posições da OMS sobre Covid-19 e o contingente da velhice como mais vulnerável às taxas de letalidade em decorrência da doença. Contudo, destaca-se no relatório que é preciso apontar que a letalidade foi maior entre pessoas “com condições de saúde que afetam os sistemas imunitário, cardiovascular e respiratório, e essas condições são comuns entre as pessoas idosas” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022, p. 26). Ser uma condição comum não implica, necessariamente, em uma condição exclusiva dessa categoria, o que também acabou por fomentar posições preconceituosas para lidar com a velhice.

Em vários países, têm sido relatadas práticas discriminatórias no acesso aos serviços de saúde e a outros recursos críticos, principalmente com relação às pessoas idosas que moram em instituições de longa permanência. Por exemplo, em alguns casos, recursos escassos, como o acesso a ventiladores ou às unidades de tratamento intensivo, foram liberados exclusivamente com base na idade cronológica do paciente. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022, p. 26)

Nesse sentido, combater o preconceito contra idosos, ainda que em um momento tão desesperador, faz-se necessário, bem como defendido pela Organização Mundial da

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

Saúde. Desse modo, as ações voltadas para o bem-estar da população como um todo, inclusive para os idosos, devem se fazer presentes para evitar ações excludentes e preconceituosas, como as relatadas acima pelo Relatório (2022).

### 3 Patologizar a velhice?

As iniciativas da ONU junto à OMS para provocar os Estados associados a pensarem o envelhecimento, conforme apontamos junto às agendas das assembleias, sugerem uma perspectiva de contradição quando comparadas às ações iniciadas durante a pandemia, sobretudo a que tentou inserir a velhice, em 2021, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), mantida pela Organização Mundial de Saúde (OMS). CID é a tradução da língua inglesa da sigla ICD (International Classification of Diseases) e trata-se de uma tabela pública contendo a padronização de diagnósticos, o que implica em ser usada por gestões de saúde, programas para coleta de dados e profissionais atuantes da área (CÔRTE, 2021). Por ser um documento diretivo internacional, seu impacto não condiciona apenas políticas públicas, mas também o modo como a sociedade observaria o que está chancelado sob a classificação de doença. Notemos, por exemplo, o comunicado veiculado pelo Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo:

A Organização Mundial de Saúde (OMS) incluirá a “velhice” na 11ª edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), com o código MG2A, no capítulo 21: sintomas, sinais ou achados clínicos não classificados em outro local. A mudança irá ocorrer a partir de janeiro de 2022. (NOVA..., 2021)

A iniciativa de incluir a velhice na CID, mantida pela OMS, gerou grande desconforto junto às organizações e a quem pesquisa velhice/envelhecimento, sobretudo pelo alto risco de gerar mais preconceito contra e produzir dificuldades na organização de dados sobre doenças crônicas que afetam, sobretudo, os mais velhos. A questão, para além dessas apontadas, cria outros agravantes, conforme Yeda Duarte (NOVA..., 2021) e

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

Rubens Belfort (VELHICE..., 2021), como, por exemplo: o número de pessoas doentes aumentaria só por estar na categoria de velhice, afetando também quem é assegurado por planos de saúde privados e, portanto, sua carência; não haveria um ‘controle’ capaz de apontar as morbidades e mortalidades, causando danos nas políticas públicas atuais e impossibilitando a criação de novas; no caso da pandemia, ao falecer em decorrência da Covid-19, a Declaração de Óbito (DO) demarcaria de que modo? Se a velhice fosse instituída como doença, os índices para acompanhar a pandemia acabariam por não representar a realidade, dificultando ainda mais seu controle.

Alexandre Kalache, pesquisador e epidemiologista brasileiro, é membro do Centro Internacional de Longevidade, além de presidir a Aliança Global de Centros Internacionais de Longevidade e ser ex-diretor do Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida da OMS, ao saber desse movimento, mobilizou-se junto a outros pesquisadores e sociedade civil, de dentro e fora do Brasil, para provocar o debate sobre o retrocesso em categorizar a velhice como doença (BARDANACHVILI, 2021).

Diferente desses pesquisadores supracitados, Robert Jakob, à frente da equipe de trabalho classificatório de terminologias e padrões da OMS, refuta a ideia de que ao estar na CID a velhice seria tida como doença. Para o pesquisador há um desentendimento da discussão: “O rótulo ‘velhice’ substitui ‘senilidade’, usado na CID-10. A decisão resultou de discussões que apontavam para a conotação cada vez mais negativa de ‘senilidade’ nos últimos 30 anos” (VELHICE..., 2021). Segundo Jakob, senilidade já era um termo problemático e seria substituído por outro aberto a mais críticas ainda, sobretudo porque a velhice está na ordem da idade cronológica do sujeito, portanto, seria uma ‘condição’.

No entanto, a condição cronológica não estava delimitada na CID, talvez por pensarem na substituição, conforme Jakob. Essa alargada margem cultural do recorte da velhice seria organizada de que modo? No Brasil, em termos de regulamentação legal, uma pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais, por sua vez, na Itália a idade é de 75. A diferença cronológica de 15 anos carregaria possibilidades inúmeras para pensar desde políticas públicas à historicidade do envelhecimento desses povos. Imaginemos, então, a aplicação do novo código a todas as pessoas idosas do planeta. Com ou sem recorte

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

etário proposto, pareceria uma política simplista firmada no preconceito etarista, agravado durante a pandemia.

Se, durante a pandemia, alguém de 60 anos ou mais, no caso brasileiro, falecesse com a vigência da velhice na CID-11, qual seria a causa da morte? A possibilidade de que a velhice fosse a causa apagaria qualquer outra, correndo-se o risco de fazer desaparecer das estatísticas as doenças associadas ao envelhecimento. Correríamos o risco de não termos um mapeamento de localidade, de gênero, étnico, por exemplo, para compreendermos a incidência de determinadas doenças sobre populações específicas, em suma, a homogeneização pela via da doença por ser ‘velho’ apagaria uma gama significativa de doenças, ao mesmo tempo em que acentuaria o preconceito contra pessoas idosas, uma vez que seriam doentes incuráveis.

Pensemos, ainda, na projeção de que no Brasil, em 2030, o percentual de pessoas idosas em relação ao total da população, o conduzirá a ter a quinta maior população idosa do planeta (POPULAÇÃO..., 2012). Caso a velhice fosse instituída como doença, seríamos o quinto país com mais pessoas doentes? O conceito de longevidade, fortemente almejado, seria apagado? A mudança de paradigma revela, por exemplo, como os corpos dos idosos estariam sob o loteamento “das especialidades médicas e afins, segundo aparelhos e sistemas fisiológicos... E idades. O corpo dos velhos é o corpo ‘diferente’, comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovens vigente na sociedade, manipulável para se aproximar deste” (MOTTA, 2002, p. 43).

A manutenção da saúde, sob esse movimento, estaria apoiada na manutenção da (‘eterna’) juventude somada aos interesses das indústrias voltadas ao antienvelhecimento, na perspectiva de curar ou amenizar a velhice. Um reflexo possível seria a acentuação visível das pessoas saudáveis relacionada à classe social: quanto mais recurso financeiro a pessoa dispusesse, mais jovem e saudável seria. As disputas presentes nesse campo apontam para o jogo das lutas investidas, seja para conservar ou para transformar o próprio campo (BOURDIEU, 1983).

Tais disputas poderiam ser resumidas nos termos “ser doente” ou “estar doente”. As doenças associadas ao envelhecimento não representam o ser doente, mas um

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira

estágio de estar no espectro de alguma doença, diferente da proposta de instituir um “ser doente” segundo um recorte etário, conforme era a previsão da CID. Como pontua Motta:

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da ‘idade’ como algo que se refere à ‘natureza’, e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência. Nenhum ganho, nessa ‘viagem ladeira abaixo’. As perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, ‘enfeimento’, reflexos mais lentos, menos agilidade... Mas são expressas muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos. (MOTTA, 2002, p. 41)

É importante considerar que boa parte dos traços, ritmos e formas de viver o envelhecimento representam para os mais velhos apenas uma outra forma de ser estar no mundo, algo muito diferente da alocação no registro de alguém que é doente.

#### 4 Considerações finais

Em síntese, sustentamos o argumento que não é de hoje que estão sendo gestados os alicerces do retrocesso no tratamento da velhice e que a mercantilização do envelhecimento tornou a longevidade humana algo que interessa ao mercado. O contexto atual exige uma reflexão sobre outra imagem atribuída à velhice: a fragilidade. Os idosos são nominados como os mais frágeis e vulneráveis nesse contexto de crise sanitária global. Mesmo os ativos, saudáveis, independentes física, mental e economicamente são classificados como *grupo de risco*, exigindo das sociedades e dos estados atenção e cuidados. Essa categorização de fragilidade, vulnerabilidade e de não produção para o mundo do trabalho é fruto intrínseco do processo da sociedade ocidental por considerar que tais existências são dependentes das riquezas produzidas

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

por outras, como pudemos perceber sobre a relação velhice e previdência junto aos sistemas de saúde.

De modo simbólico, essas sociedades vivenciam o espectro da ritualística da beleza constante associada à juventude, projetando na velhice um pesar somado à repulsa aos corpos envelhecidos. Esse processo simbólico passa a ser absorvido pela categoria da velhice agora provocada individualmente na busca pela velhice saudável, em atividade e dotada de menos marcas aparentes, fortemente provocada pela indústria de fármacos e cosméticos. Com o advento da pandemia de Covid-19, a categoria idoso passa a receber uma chancela social de maior vulnerabilidade por ter em seu histórico possibilidades de determinadas doenças, ainda que pessoas fora dessa categoria também as tenham. Ademais, doenças como hipertensão arterial ou diabetes são conhecidas e controladas com o uso de medicamentos, sem significar que a pessoa morreria em decorrência de alguma delas.

A proposta de configuração da velhice como doença e a categorização dos idosos como integrantes de um grupo de risco para pensar as medidas de controle da atual pandemia de COVID-19 é um retrocesso porque traz uma conceituação já superada no tratamento de outras crises como a de HIV-AIDS, por exemplo. Ao mostramos os percursos e movimentos feitos pelos organismos internacionais, ao menos desde a década de 1980 do século passado até uma breve discussão junto à ideia contemporânea de idadeísmo, foi possível sinalizar que as ideias sobre velhice e envelhecimento permanecem em disputa nas sociedades e que as leituras desse debate travadas no interior dos organismos internacionais traduzem demandas e pressões de diferentes sociedades e grupos. A questão é: se celebramos a longevidade, como podemos deixá-la no registro dos custos?

## Referências

BARDANACHVILI, Eliane. Alexandre Kalache: ‘a melhor coisa que pode nos acontecer é envelhecer’. **CEE FIO CRUZ**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Alexandre-Kalache-A-melhor-coisa-que-pode-nos-acontecer-e-envelhecer>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

CORONAVÍRUS: OMS declara pandemia. **BBC NEWS**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 13 jul. 2022.

CÔRTE, Beltrina. A velhice é uma doença? **PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIVER**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-velhice-e-uma-doenca/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-54, 1997.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin (ed.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH: UNICAMP, 1998. p. 7-27.

DECLARAÇÃO política e plano de ação internacional de Madri sobre o envelhecimento. **ONU**, New York: United Nations, 2002. Disponível em: [https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid\\_plan.pdf](https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf). Acesso em: 02 jun. 2020.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 29, p. 153-162, 2020.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resumo executivo: envelhecimento no Século XXI: celebração e desafio**. Nova York: Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA); Londres: HelpAge International, 2012.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

IS OUR fight against coronavirus worse than the disease? **THE NEW YORK TIMES**, New York, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/20/opinion/coronavirus-pandemic-social-distancing.html>. Acesso em: 13 abr. 2022.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. Introdução entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 11-24.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 37-50.

NOVA edição da CID pretende incluir velhice como doença: profissionais de saúde contestam. **COREN**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/nova-edicao-da-cid-pretende-incluir-velhice-como-doenca-profissionais-de-saude-contestam/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

OMS cobra de jovens respeito a isolamento: `você não são invencíveis`. **CNN**, São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cobra-de-jovens-respeito-a-isolamento-voces-nao-sao-invenciveis/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ONU. **Resolução nº 33/52**. Viena: ONU, 1982. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/366/91/IMG/NR036691.pdf?OpenElement>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre o Idadismo**. Washington D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022.

POPULAÇÃO brasileira deve atingir ápice em 2030. **IPEA**, Brasília, 2012. Disponível: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15747](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15747). Acesso em: 13 jul. 2022.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VELHICE é doença? especialistas criticam inclusão na lista da OMS. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/velhice-doenca-especialistas-criticam-inclusao-na-lista-da-oms-25054474>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença

*Simone Pereira da Costa Dourado, Rodrigo Pedro Casteleira*

### Contribuições de autoria

Simone Pereira da Costa Dourado: conceituação; investigação; metodologia; administração do projeto; supervisão; validação; visualização; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

Rodrigo Pedro Casteleira: conceituação; investigação; metodologia; administração do projeto; visualização.

Recebido em: 08/08/2022

Aprovado em: 16/03/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

[revistapercursos.faed@udesc.br](mailto:revistapercursos.faed@udesc.br)